



**FUNDO MONETÁRIO
INTERNACIONAL**

DEPARTAMENTO
DE RELAÇÕES
EXTERNAS

Comunicado de Imprensa No. 07/69
PARA DIVULGAÇÃO IMEDIATA
Original: Inglês
13 de abril de 2007

Fundo Monetário Internacional
Washington, D.C. 20431 - EUA.

FMI Prevê Continuidade do Bom Desempenho no Hemisfério Ocidental, Crescimento Relativamente Elevado na América Latina

Segundo a mais recente edição do relatório do FMI Regional Economic Outlook: Western Hemisphere, o Hemisfério Ocidental continuou a apresentar forte desempenho econômico no último ano, a despeito da desaceleração ocorrida nos Estados Unidos nos trimestres recentes. A América Latina e o Caribe tiveram crescimento vigoroso em 2006 e, em que pese a expectativa de uma certa desaceleração, devem continuar a crescer a uma taxa relativamente elevada em 2007, disse Anoop Singh, Diretor do Departamento do Hemisfério Ocidental do FMI, durante a coletiva de imprensa para a apresentação do relatório. “O período 2004–06 passa agora a ser o de crescimento mais robusto na América Latina e no Caribe desde a década de 1970, como consequência das políticas acertadas e do ambiente externo favorável”, afirmou Singh. Os indicadores da pobreza também continuaram a melhorar, embora ainda haja muito a fazer, como reconhecem os governos da região. Anoop Singh disse que a expansão e sustentabilidade do crescimento a longo prazo e a distribuição mais equitativa dos seus frutos ainda são os principais desafios da região. “Para elevar substancialmente seu padrão de vida nas próximas duas décadas, é necessário que a América Latina cresça sustentavelmente a um ritmo mais elevado”, disse Singh. Ao mesmo tempo, é preciso manter políticas prudentes para evitar a erosão das margens de segurança acumuladas no passado recente—particularmente na área fiscal.

As principais conclusões do Regional Economic Outlook sobre a América Latina e o Caribe são apresentadas a seguir:

O ano de 2006 foi marcado pelo crescimento econômico vigoroso na América Latina e no Caribe. A produção cresceu a uma taxa média de 5,5%, quase um ponto percentual acima do nível registrado em 2005 e ligeiramente acima do crescimento mundial. As taxas de desemprego e de pobreza continuaram a cair, uma vez que em muitos países a expansão foi a maior dos últimos anos—cerca de um terço deles cresceu, em média, 7% ou mais. Segundo os dados mais recentes, a desigualdade também diminuiu, um fato inédito nas últimas décadas.

Outros desenvolvimentos macroeconômicos também foram favoráveis. A inflação se manteve numa trajetória descendente, recuando para uma média regional de 5%, embora ainda existam diferenças significativas entre os países. Para a região como um todo, e muitos de seus países tomados individualmente, os saldos fiscais primários e contas correntes externas superaram suas melhores marcas históricas, registrando superávits médios de 2,8% e 1,7% do PIB, respectivamente. A relação da dívida pública mais uma vez apresentou ligeiro declínio, e a estrutura da dívida também melhorou. Muitos desses avanços ocorreram em países que se encontram num momento crítico de transição política, o que reflete a nova estabilidade econômica da região. O ambiente externo propício também teve a sua contribuição, com taxas de juros baixas, alta dos preços das commodities e crescimento mundial vigoroso.

Daqui para a frente, a expectativa é que o crescimento médio na região decline moderadamente, para quase 5% em 2007 e cerca de 4,25% em 2008, como consequência da expansão mais lenta de alguns países que cresceram a um ritmo historicamente elevado em 2006 e de condições externas menos dinâmicas. A inflação, enquanto isso, pode começar a subir, sobretudo nos países com alto nível de utilização da capacidade produtiva, embora provavelmente se mantenha sob controle na região como um todo. No tocante aos superávits fiscais e externos, a expectativa é que venham a cair para cerca da metade de seus níveis de 2006 em relação ao PIB, como reflexo da forte demanda interna e do rápido e contínuo aumento da despesa pública. Essa situação salienta a necessidade de conter a expansão dos gastos do governo, principalmente os gastos correntes.

O relatório também examina detidamente a sensibilidade do crescimento da América Latina ao ambiente externo, que tem sido excepcionalmente favorável nos últimos anos. Embora a América Latina apresente hoje uma capacidade de resistência muito maior que há uma década, graças às melhorias nos balanços patrimoniais e nas políticas econômicas, a região continua sensível a choques no crescimento mundial, nos preços das commodities e nas condições de financiamento. Análises recentes mostram que a resistência crescente da região suportaria alterações moderadas nessas condições, embora a região ainda esteja bastante vulnerável a uma desaceleração súbita da economia mundial aliada a condições mais restritas de financiamento, ou a uma grande redução dos preços das commodities. Tornar a América Latina menos vulnerável a esses choques exige novos avanços na redução dos níveis da dívida pública, flexibilização dos orçamentos e taxas de câmbio, fortalecimento dos sistemas financeiros e diversificação da pauta de exportações.

A médio prazo, o Regional Economic Outlook mostra que serão necessários aumentos significativos do investimento e—ainda mais importante—da produtividade para elevar substancialmente a renda per capita da América Latina, e ilustra os efeitos potenciais das reformas em duas áreas fundamentais (educação e mercados de trabalho). Com base em estudos recentes, o relatório também examina se a América Latina conseguiu superar seu passado de retrocessos periódicos na sua trajetória de crescimento. O relatório constata que diversos determinantes cruciais do crescimento sustentado—como as instituições políticas e os regimes comerciais—apresentaram, efetivamente, melhorias expressivas nas últimas décadas, e que a volatilidade macroeconômica é muito menor. Também se destaca a contribuição dos esforços intensificados para criar sociedades mais equitativas e menos

divididas—e que estejam melhor posicionadas para evitar reversões bruscas do crescimento no futuro. Os avanços nessa área levam tempo, e exigem reformas nos setores fiscal, educacional, trabalhista e financeiro. As políticas macroeconômicas, nesse meio tempo, precisam continuar prudentes, para garantir que a região aproveite a oportunidade de consolidar e ampliar o crescimento.